

LABORATÓRIO



o imaginário

*uma trajetória
entre design e artesanato*



LABORATÓRIO



o imaginário®

*uma trajetória
entre design e artesanato*

LABORATÓRIO



o imaginário®

*uma trajetória
entre design e artesanato*

COORDENAÇÃO

Ana Andrade e Virgínia Cavalcanti

ORGANIZAÇÃO

Ana Andrade, Virgínia Cavalcanti, Germannya
D'Garcia, Tibério Tabosa, Carolina Reis,
Erimar Cordeiro

PESQUISA

Equipe Laboratório O Imaginário



RECIFE, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

REITOR Alfredo Macedo Gomes

PRÓ-REITORA DE PESQUISA Carol Virgínia
Góis Leandro

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO Oussama Naouar

DIRETOR DE CULTURA Hélio Pajeú

LABORATÓRIO O IMAGINÁRIO

COORDENAÇÃO

Ana Andrade e Virgínia Cavalcanti

EQUIPE

Ana Carolina Reis

Danyelle Marques

Erimar Cordeiro

Germannya D’Garcia

Tibério Tabosa

Vinicius Botelho

Zélia Dutra

TEXTOS

Equipe Laboratório O Imaginário

REVISÃO

Luiz Emanuel Limeira de Melo

PROJETO GRÁFICO

Zoludesign

FOTOGRAFIAS

Acervo O Imaginário [Danyelle Marques (pp. 14, 16–17, 25, 45–47, 54–55, 62, 71–73, 78–79, 82–83); Eupídio Suassuna (p. 31); Felipe Soares (pp. 8–9, 21, 23–27, 38, 46–49, 53, 56, 63, 67, 74, 77); Gilvan Barreto (pp. 10, 28, 31, 33); Luca (p. 33); Tim Neufert (p. 32); Vinicius Botelho (pp. 22, 80); Vinícius Lubambo (pp. 18, 25, 35, 44, 51)]

DEDICATÓRIA

Aos artesãos e artesãs, guardiões de nosso patrimônio, pela confiança e valiosa parceria nessa caminhada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

L 123 Laboratório O Imaginário : uma trajetória entre design e artesanato / coord. Ana Maria Queiroz de Andrade e Virgínia Pereira Cavalcanti. — Recife : Zoludesign, 2020.

92 p. : il. ; 22 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-991530-0-6

I. Artesanato – Brasil. 2. Design. 3. Cultura popular. 4. Tecnologia.
I. Andrade, Ana Maria Queiroz de. II. Cavalcanti, Virgínia Pereira,
III. Título.

CDD 745.50981



AGRADECIMENTOS

A todos que participaram dessa jornada: estudantes, técnicos, designers, professores, pesquisadores e demais parceiros que compartilharam generosamente suas experiências, conhecimentos, desejos e sonhos, nosso muito obrigado.





PREFÁCIO

Adélia Borges*

Com grande alegria aceitei o convite para fazer o prefácio deste livro. O LABORATÓRIO O IMAGINÁRIO é não apenas a mais longa iniciativa da academia no Brasil de aproximação entre designers e artesãos, mas também a mais constante e consistente. Acompanho seus trabalhos de perto, e é gratificante ver a continuidade e o fortalecimento da iniciativa.

Ao publicar este livro compartilhando sua trajetória de duas décadas – imagino o esforço de síntese que fizeram, para conseguir chegar a esse resultado – O IMAGINÁRIO está contribuindo para a geração e disseminação de conhecimento. Temos muito a aprender com esse relato – e quando uso a primeira pessoa do plural para fazer essa afirmação me refiro a nós brasileiros e também a leitores situados em outras latitudes e longitudes.

Nós, pesquisadores e profissionais atuantes na área, podemos nos valer muito do maior conhecimento a respeito da opção, sempre, pela criação colaborativa; a atenção às ações de comunicação demandadas por cada projeto; o trabalho em prol do reconhecimento dos valores locais pela própria comunidade e por seus consumidores; a preocupação em considerar os componentes do mercado sem se curvar a eles; e a soma sempre presente de olhares e saberes. Especialmente útil é saber mais da metodologia desenvolvida pela equipe – em oposição a modelos lineares, a opção pela espiral permite considerar de forma mais abrangente as muitas variáveis de cada projeto.

Seguramente não é por acaso que o laboratório tenha surgido em Pernambuco, terra de Aloísio Magalhães e de Janete Costa, sábios visionários que nos apontaram importantes caminhos no campo da associação entre cultura e desenvolvimento. O Estado soube ao longo

ADÉLIA BORGES é crítica,
historiadora de design
e curadora independente.

dos anos implantar políticas públicas para alavancar o setor. Uma de suas realizações é a promoção da Fenearte, Feira Nacional de Negócios do Artesanato vencedora do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2019, na categoria “Iniciativas de Execução no Campo do Patrimônio Cultural Imaterial”.

A despeito da rica herança e do contexto de valorização pública que é exceção no país, foram muitas as dificuldades enfrentadas pelo IMAGINÁRIO ao longo do caminho. O relato deste livro não escamoteia os conflitos e as dificuldades do aprendizado diário. Nem deixa de creditar as várias parcerias construídas no decorrer dos anos, com órgãos de fomento à pesquisa, empresas privadas e organizações governamentais e não-governamentais. Me chamou a atenção, nesse campo, a importância do envolvimento das Prefeituras e dos agentes locais, inseridos nos territórios.

Fiquei impressionada com o mapa do Estado de Pernambuco em que estão marcados os municípios em que o Laboratório já trabalhou. Como é bom ver esse espraiamento! Bom ver também a ampliação da abrangência da atuação do IMAGINÁRIO, que passou a incluir projetos para a indústria, consultorias em gestão de design, design de serviços, design digital e produção cultural, entre outros.

A atuação do IMAGINÁRIO já foi reconhecida por vários prêmios e foi objeto de uma considerável produção científica. A meu ver, contudo, o maior indicador da relevância de sua existência é o impacto positivo que teve em várias comunidades nas quais atuou. Para ficar apenas com o primeiro projeto, ainda de 2000, o de Conceição das Crioulas, em

Salgueiro, as bonecas negras feitas em caroá, inicialmente produzidas por uma única artesã e sem ter semelhança com qualquer pessoa do local, ganharam “nome, alma e significado”, como diz o relato, resultando numa maior apropriação, por parte das moradoras, de sua própria identidade. Hoje essas bonecas levam a história dos quilombolas a exposições e pontos de venda em vários lugares – entre eles a loja do Museu de Arte de São Paulo, o MASP, da qual sou consultora curatorial. É um prazer ter neste importante museu o reconhecimento ao trabalho da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Saber que as bonecas estão gerando renda e autoestima para quem as faz e maior conhecimento da cultura brasileira e da causa quilombola para quem as compra.

Escrevo este prefácio reclusa em minha casa há mais de um mês, devido à disseminação do novo coronavírus. A pandemia fez “cair a ficha” para parcelas maiores da sociedade a respeito da necessidade de trabalhos em favor da inclusão social como o do Laboratório. Assim, para terminar convido os leitores a uma exortação de reconhecimento: Viva a aproximação entre academia e sociedade! Viva o design como ferramenta de transformação social! Viva a universidade pública!